



## Narrativas de mulheres que constroem suas histórias no sertão sergipano

## Narratives of women constructing their stories in the hinterland sergipano

Ana Karlla Messias<sup>(1)</sup>; Ana Paula da Silva<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup>Bolsista CAPES, Mestranda em Ensino de História pelo Programa de Pós – Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: karllagaribaldy@hotmail.com

<sup>(2)</sup>Mestranda em Ensino de História pelo Programa de Pós – Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: anapaula.uneal@hotmail.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

*Recebido em: 08 de março de 2020; Aceito em: 06 de abril de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright © Autor, 2020.*

**RESUMO:** Este artigo objetivou analisar as narrativas de mulheres sertanejas do sertão sergipano através da utilização da história oral como ferramenta de pesquisa. Para tanto, foram realizadas entrevistas e revisão bibliográfica bem como uma seleção de narrativas que foram coletadas por membros da turma do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe – UFS, no semestre de 2019.2. Pretende-se com essas narrativas contribuir com a desmitificação de preconceitos e estereótipos que cercam a mulher sertaneja, bem como evidenciar as adversidades do cotidiano sertanejo que estas mulheres precisam enfrentar. Além disso, buscou-se elaborar um trabalho que possa servir como subsídio aos professores de história ao trabalharem com as questões referentes a vida da mulher sertaneja e estimular o uso da história oral enquanto fonte e método de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher sertaneja; História oral; Ensino de História.

**ABSTRACT:** This article aimed to analyze the narratives of rural women from the sertão sergipano through the use of oral history as a research tool. To this end, interviews and bibliographic revision were carried out, as well as a selection of narratives that were collected by members of the Professional Master's Degree in History Teaching at the Federal University of Sergipe - UFS, in the semester of 2019.2. These narratives are intended to contribute to demystify the prejudices and stereotypes that surround the country woman, as well as to highlight the adversities of the daily life that these women need to face. In addition, an attempt was made to elaborate a work that can serve as a subsidy for history teachers when working with issues related to the life of the backcountry woman and to encourage the use of oral history as a source and research method.

**KEYWORDS:** Woman from the countryside; Oral history; History teaching.

## INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho surge da reflexão de que o ensino de história precisa e deve se reinventar no uso de suas metodologias em sala de aula. Cada vez mais percebemos a desmotivação em estudar história por parte dos alunos, essas desmotivações se relacionam com o fato da história privilegiar os grandes homens, os grandes acontecimentos e esquecer-se de abordar o cotidiano, o sujeito comum e aproximar o aluno do conhecimento. Nesse sentido, faz-se necessário não apenas uma reflexão, mas uma inovação nas metodologias de ensino que venham a dar significado ao conhecimento ensinado aos alunos, onde eles possam compreender que também fazem parte da história e que ao ensinar e aprender na sala de aula estão também produzindo conhecimento histórico.

Desta forma, buscamos realizar esta pesquisa que objetiva analisar as narrativas de mulheres sertanejas que se localizam no município de Canindé de São Francisco (município localizado no sertão sergipano) com a finalidade de evidenciar suas histórias e mostrar as dificuldades que a vida sertaneja impõe a essas mulheres. Para tanto, utilizamos a história oral como técnica de pesquisa por acreditar que através da oralidade podemos captar as questões subjetivas referentes ao sujeito, bem como ter uma riqueza em movimentos, em vida e em sensações, questões estas fundamentais no nosso trabalho que outro método de pesquisa não poderia oferecer. Para tanto, foram realizadas entrevistas com a utilização de um gravador de smartphone no Assentamento Florestan Fernandes com a moradora do Assentamento Elionay Santos. Além dela, tivemos acesso as entrevistas realizadas por membros da turma com outras mulheres da região. O acesso às demais entrevistas se fez fundamental para que pudéssemos realizar uma investigação mais ampla que versa sobre a narrativa dessas mulheres, o cruzamento desses dados nos permitiu observar pontos em comuns e distintos que as moradoras do sertão sergipano nos apresentaram.

Por fim, acreditamos que este trabalho pode servir tanto como subsídio aos professores de história que desejarem trabalhar em sala de aula a vida das mulheres sertanejas utilizando-se dos relatos apresentados, bem como estímulo aos pesquisadores do campo da história a se interessarem pelas histórias de vida e pela história oral como ferramenta de pesquisa.

## CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO

O Assentamento Florestan Fernandes fica localizado no município de Canindé de São Francisco – SE, região que compõe os gráficos que demonstram baixos índices de desenvolvimento econômico, de desenvolvimento educacional, saúde, moradia, baixa distribuição de renda e etc. Em 2010, por exemplo, o índice de jovens entre 18 e 20 anos com ensino médio completo correspondia apenas a 9,63%<sup>1</sup> do total, o que demonstra uma alta evasão escolar entre jovens de 18 a 20 anos que não conseguem concluir esta etapa de ensino. Por outro lado, apesar dos baixos indicadores sociais, o segmento da educação vem apresentando crescimentos que a destacam como o principal instrumento para a elevação do índice de Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM, entre 2000 e 2010, o que pode representar a crença da educação pode enquanto instrumento de mobilidade social e que, portanto, eleva a procura e a manutenção de crianças e jovens no espaço escolar.

No município, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola é de 97,71%, em 2010. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental é de 74,48%; a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 34,03%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 9,63%. Entre 1991 e 2010, essas proporções aumentaram, respectivamente, em 85,76 pontos percentuais, 69,49 pontos percentuais, 31,40 pontos percentuais e 9,31 pontos percentuais. (IDMH, 2010).

Além desses pontos que já são relevantes para posicionar o município em situação de fragilidade social, os índices revelam outras faces das desigualdades ao ser analisado a situação da mulher nessa região. Ainda nos dados de 2010, um dos dados revela que mais de 50% dos chefes de família eram mulheres sem o ensino fundamental completo e com criança, o que demonstra as dificuldades que a mulher enfrenta para poder concluir o ensino básico e ingressar na universidade, muitas precisam abrir mão de sonhos profissionais para dedicar-se a vida familiar de cuidado aos filhos e ao enfrentamento da realidade árdua.

Nesse sentido, essas informações demonstram uma caracterização do município de Canindé de São Francisco em situação de fragilidade social, o que nos remete a necessidade de uma maior intervenção por parte do poder público, principalmente no

---

<sup>1</sup>Dados retirados da Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfils\\_m/caninde-de-sao-francisco\\_se](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfils_m/caninde-de-sao-francisco_se)

que se refere às iniciativas educacionais. Dados estes que demonstram pouco rendimento e finalização das etapas educacionais e que enquadram sua população em vulnerabilidade social ao levar em consideração elementos como moradia, trabalho, renda, educação, dentre outros.

A partir destes dados é possível enxergar um panorama da localização do Assentamento Florestan Fernandes onde as dificuldades se ampliam devido ao afastamento em relação à zona urbana e a pouca assistência prestada pelo poder público aos moradores. Entendemos que essa caracterização do município, ao qual o Assentamento Florestan Fernandes faz parte, pode nos revelar suas fragilidades socioeconômicas e suas semelhanças com outras áreas interioranas que desfrutam de descasos governamentais e que estão distantes das particularidades do mundo globalizado, e que se faz necessária para situar nosso leitor dos desafios enfrentados pelos sujeitos, especialmente as mulheres, que compõe essa comunidade.

Para além da caracterização socioeconômica que expressa demandas do assentamento e que demonstram suas fragilidades econômicas e sociais, objetivamos dar ênfase a caracterização ambiental com um olhar mais singular ao cotidiano vivido pelos moradores da comunidade Florestan. Nesse sentido, uma exposição mais singular pode nos revelar o que os dados, gráficos e pesquisas exclusivamente quantitativas não são capazes. Para além dos números, que não surpreendem, pretendemos revelar um olhar cotidiano de algumas mulheres que vivenciam a comunidade e que possam evidenciar e nos aproximar do cotidiano através da lente de quem realmente vive o local, visão que demonstra uma relação de amor e persistência ao local vivido como demonstra o poema de Elionay:

A caatinga mata a fome de homens e animais. Produz remédios para sarar feridas. É o único bioma rico em diversidade. E o povo catingueiro tem mais prazer na vida. (CALADO, 2019).

A partir das palavras de Elionay é possível identificar o amor e a auto preservação feita ao local, não é apenas um área caracterizada como frágil socialmente, mas um espaço onde as pessoas mantêm uma relação de cuidado, de identificação, memória e respeito ao ambiente que pertencem.

Nesse sentido, a problemática central do nosso trabalho é analisar a história de vida de mulheres sertanejas e suas relações com o local, evidenciando a importância da educação como instrumento de transformação das realidades dos sujeitos, seja

econômica, cultural ou socialmente. Para tanto, enxergamos que a caracterização do espaço e suas singularidades se faz fundamental para uma aproximação mais real com o cotidiano dos moradores da comunidade, bem como as percepções dos próprios moradores que vivenciam o dia a dia e que podem apresentar sua própria visão. Nesse sentido, foi realizado entrevistas através da metodologia oral para que pudéssemos extrair questões objetivas e subjetivas do nosso objeto, além disso, vivenciamos o espaço através da observação e convivência no local.

O Assentamento Florestan Fernandes é um misto que reúne em um mesmo espaço a luta diária pela sobrevivência individual e coletiva da comunidade bem como a luta social que envolve as questões relacionadas à reforma agrária no Brasil. Nesse misto, podemos destacar a solidariedade, esperança, e a bondade como características comum ao povo que reside no assentamento. Podemos destacar também, como singularidade da comunidade, o amor destinado ao meio ambiente e a relação de proximidade com a caatinga visível nas palavras das entrevistadas e em seus poemas.

Destacamos, portanto, a capacidade de enxergar beleza e de amar o espaço vivido apesar das dificuldades enfrentadas diariamente, compreendendo que essa beleza que chega aos olhos dos moradores não anula os problemas sociais cotidianos e por isso investigaremos a situação da mulher sertaneja levando em consideração sua relação com o espaço interiorano, questões de gênero, racismo e da importância de iniciativas educacionais em suas vidas bem como na história da comunidade e as mudanças e impactos que estas iniciativas exercem na vida desses sujeitos.

## **A HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA**

Euclides da Cunha caracterizou e destacou que o “sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 1985), em nossa pesquisa essa representação feita pelo autor se adequa ainda mais ao tratar da mulher sertaneja, que convivem e vivenciam experiências múltiplas que demonstram a força, coragem e a resiliência que compõem suas histórias.

Ao tratar da história de mulheres sertanejas não podemos desconsiderar o debate acerca da questão de gênero existente na atualidade, onde pesquisas feitas por diversos campos do conhecimento relatam e demonstram preocupações em como superar as relações de poder que impõem a mulher uma condição de inferioridade em relação aos homens e que buscam manter as relações de dominação do homem sobre a mulher.

É com essa caracterização inferiorizada da mulher que pretendemos romper e desmistificá-la, a partir das entrevistas e relatos mostraremos a participação, intervenção, e as tarefas que ocupam o pensamento e as práticas cotidianas da mulher sertaneja, seja esta que mora em um assentamento e vive seu dia a dia neste espaço, seja ela que mora na cidade e apenas trabalha na localidade. Preocupações que vão desde a água usada para beber até a organização comunitária de associações para lutar pelos direitos da comunidade. Ao entrevistá-las, levamos em consideração as habilidades que um entrevistador precisa possuir para uma pesquisa bem elaborada:

Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles, e acima de tudo disposição para ficar calado e escutar (THOMPSON, 1998, p. 254).

Partindo dessa premissa, o método mais adequado encontrado para realização deste trabalho foi a utilização da história enquanto método de pesquisa, tendo em vista que essa proposição possibilita ao historiador investigar mais profundamente o seu objeto ao permitir o contato com as questões objetivas e subjetividades presentes no discurso, nas reações e nos silêncios, apresentando um panorama mais amplo da questão estudada. Esse método se torna ainda mais valioso quando o nosso objeto trata-se de uma história de vida, exigindo assim mais sensibilidade e habilidade do pesquisador que vai lidar com uma história viva, em movimento e com sentimentos, e a compreensão de que tanto o processo de entrevistas quanto o resultado da pesquisa pode interferir na vida da pessoa entrevistada. Além disso, a técnica de pesquisa de história oral pode representar um contraponto a historiografia tradicional à medida que possibilita aos “excluídos da história” um papel, um significado e o reconhecimento enquanto ser histórico. Para alguns historiadores, o uso da história oral permite uma ampliação dos fatos constitutivos do passado, seja por permitir que uma diversidade de grupos e segmentos possam ser ouvidos quanto por permitir uma mudança no foco do objeto pesquisado:

[...] a história oral implica, para a maioria dos tipos de história, uma certa mudança de enfoque. Assim, o historiador da educação passa a preocupar-se com as experiências dos alunos e estudantes, bem como os problemas dos professores e administradores. O historiador militar e naval pode olhar, para além da estratégia em nível de comando e do equipamento, para as condições, recreações e moral dos soldados rasos e do convés inferior. [...] Em alguns campos, a história oral pode resultar não apenas numa mudança de enfoque,

mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação. (THOMPSON, p. 27).

Concordando com a premissa de que a história deve ter uma finalidade social, na qual poderá dar voz aos sujeitos comuns e estimulá-los a pensar enquanto ser histórico capaz de intervir, questionar e transformar sua realidade. Desta forma, optamos pela história oral enquanto método com a finalidade de evidenciar a história local e sobretudo a história de vida de mulheres que vivem em um contexto de desvalorização educacional, social e econômica. Ao retratar a história dessas mulheres, destacamos as singularidades que compõe o ser feminino em um assentamento localizado no sertão, com o objetivo de “devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, p.22), mostrando assim que a história comum também é uma história que merece atenção e pode ser historicizada, ou seja, nossa pesquisa não limita-se apenas em constatações, análises ou resultados acadêmicos, gera ainda, um retorno aos entrevistados de um trabalho onde evidenciamos a luta de mulheres, suas sobrevivências, desafios e que contribuirá com a desmistificação de alguns preconceitos que rodeiam a mulher sertaneja.

A utilização da história oral enquanto método de pesquisa possibilitou uma aproximação real com as mulheres pesquisadas, permitindo a elas contarem suas histórias a partir de suas percepções. Além disso, destacamos a contribuição da história oral para o ensino de história enquanto metodologia ou enquanto fonte histórica, pois esta técnica de pesquisa permite uma substituição do método tradicional de ensino que privilegia a transmissão de conhecimento e as aulas expositivas por um processo significativo de aprendizado que faça o aluno não apenas ouvir e decorar, mas aprender e construir. Desta forma, a história oral contribui para que o sujeito se reconheça e identifique na sua realidade elementos e pessoas que podem ser partícipes dessa construção do saber, rompendo assim com a ideia de que a história fica somente no passado e que é construída apenas por sujeitos distantes no tempo-espaço, personagens muitas vezes apresentados de forma inalcançável para a realidade dos alunos. Nesse sentido, ampliar as possibilidades de investigação e compartilhar com os alunos formas de historicizar sobre suas próprias histórias nos parece uma grande contribuição com a ruptura de métodos tradicionais de ensino:

A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de, juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. A escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante (FONSECA, 2006, p.127).

A história oral enquanto fonte possibilita ao professor de história realizar um trabalho de forma cooperada com os alunos, não apenas ensinando ou explicando a narrativa, mas mostrando na prática como estas narrativas são construídas e como se dá o trabalho do historiador. Permitindo assim que o aluno adquira um conhecimento complexo, que não se limitará em decorar datas, locais ou nomes, mas proporcionará aos estudantes a possibilidade de analisar e construir a sua interpretação das evidências. Com isso, teremos um ensino de história que aproximará os sujeitos ao conhecimento histórico, conhecimento este que pode estar localizado na sua família, bairro, cidade, estado etc.

## A NARRATIVA DE MULHERES SERTANEJAS

Acreditar que a educação pode contribuir com a mudança de vida dos sujeitos, lhe permitindo o acesso ao conhecimento e desenvolvendo suas capacidades e potencialidades é uma premissa fundamental que deve ser considerada ao analisar a história de vida de mulheres sertanejas a partir de suas narrativas, pois nos relatos utilizados percebemos o quanto a educação é um instrumento fundamental para a transformação de suas realidades, principalmente se tratando de regiões consideradas interioranas. Segundo Souto:

No Brasil, áreas interioranas têm se caracterizado por forte subordinação socioeconômica e política às áreas urbanas e pela inexistência de políticas sociais para o atendimento de suas especificidades. Nesse contexto, igualmente, a educação rural tem sido marginalizada, desvalorizada em suas necessidades e especificidades. (2015, p.63).

Essa realidade tem gerado problemas como a grande disparidade entre os dados referentes a questões essenciais como saúde, educação, moradia que versam sobre capitais e os que tratam de áreas mais afastadas dos centros urbanos, persistem ainda uma grande desvalorização das comunidades rurais, da região sertaneja e até de



qualquer outra região que não seja a central, reduzindo sua importância ou tornando-as secundárias. Conseqüentemente, a desigualdade social tem sido uma realidade para as pessoas que vivem nessas comunidades, tornando a vida destes sujeitos mais difíceis, negando-os oportunidades, promovendo e gerando desestímulos, baixa-estima e reforçando e reproduzido estruturas desiguais.

Esse cenário de dificuldades de acesso à educação se potencializa ainda mais ao tratar-se da presença da mulher no segmento educacional, situação que fica explícita na fala de Elionay, uma das entrevistadas de nossa pesquisa:

**Elionay:** comecei a estudar com 7 anos que aquela época a criança não precisa ir tão cedo, eu brinquei muito, brinquei muito muito no mato, brinquei muito na escola e brincava menina menino todo mundo junto e assim eu com 17 anos, eu tive filho, parei de estudar, deixei, tava fazendo primeiro ano do ensino médio e deixei de estudar porque eu tive que começar a trabalhar. Eu trabalho desde dos 15 anos, eu trabalhava antes mas aí eu já tive que começar a trabalhar para poder sustentar, ajudar a sustentar a casa né e eu fui voltar a estudar e morando em Aracaju quando eu tava com 25 anos eu fui fazer ensino médio lá no Colégio Tobias Barreto ali, ali no centro da cidade estudar à noite trabalhar de dia[...] (Transcrição, entrevista).

Esse relato de dificuldades ao acesso à educação se repete na fala de outras entrevistadas, quando, por exemplo, ao ser questionada sobre o porquê de ter parado de estudar, ela responde: “porque eu engravidei...” (Elionay, 2019), e ao ser perguntada sobre os seus planos e sonhos para o futuro, ela fala: “terminar meus estudos, ser médica que é meu foco, eu amo essa profissão, eu tenho esse sonho e tenho fé em deus..” (Elionay, 2019). Essas frases se repetem e é possível enxergar a vontade de encarar os desafios trazidos pela idade, distância, situação financeira, etc., motivações que surgem a partir da crença da instrumentalização da educação enquanto única saída ou um fundamental instrumento para a mudança de suas realidades.

É certo que as oportunidades educacionais não foram generosas com as mulheres presentes neste trabalho, o que nos chama atenção é a capacidade de tornar essas dificuldades fonte de inspiração para a superação da realidade existente. Ao mesmo tempo em que falam do passado, dos caminhos que as trouxeram até aqui, imediatamente remetem ao futuro, ao que buscam, sonham e planejam. Além disso, podemos destacar a participação e intervenção da mulher em suas comunidades, o que as tornam seres ativos, conscientes e mobilizadas a transformar suas histórias. Ao ser questionada sobre os trabalhos que desempenha no campo e se o ambiente no qual vive lhe faz uma mulher mais forte, a mesma responde:

**Elionay:** Faz, porque é um trabalho que a gente não, tipo assim, não esse trabalho é só pra homem, e não é só pra homem, nós tem essa capacidade...[...] Aí eu solto um bicho, pra ir se for possível pastoro ovelha, não pastorei ainda, mas pra soltar, prender... essas coisas, pego uma galinha, essas coisas... Eu vou pegar ovo, essas coisas assim eu tudo faço. (Elionay, 2019).

Nesse sentido, a realidade vivida impõe que Elionay e outras mulheres sertanejas dividam suas rotinas entre os trabalhos domésticos, cuidados com a família e o trabalho no campo, redesenhando e rompendo com paradigmas que dividem trabalhos destinados a mulheres e trabalhos destinados a homens. Nesse contexto, pensar a mulher sertaneja nos leva a refletir sobre a multiplicidade de tarefas que estas necessitam desenvolver e o quanto elas se reinventam para se adaptarem-se as variadas realidades.

As sensações que o sertão provoca são únicas e profundas, ao nos fazer respirar mais forte devido as suas altas temperaturas nos colocamos no lugar das pessoas que constroem suas vidas nesta localidade. No meio do caminho, encontramos um significativo projeto organizado e executado pela Psicopedagoga Eleonara Albuquerque e que contou com apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, onde teve como finalidade desenvolver as potencialidades dos moradores locais e estimulá-los a buscar formas plurais de renda. Esse projeto teve uma importância tão significativa para a comunidade, que percebemos na fala de nossa entrevistada a carga emocional presente ao falar sua participação:

**Elionay:** Porque assim, eu vi assim né, que eu não... eu pensava que eu não era útil pra fazer alguma coisa. Já tinha parado de estudar, já era mãe.... Aí eu pensei: [...] vai ser o futuro pra mim. Entendeu? De colocar a minha... (como é que chama?) a minha profissão em prática, porque quando tem assim algum evento, já, eles já me ajudam. Invés deles comprarem a outras pessoas eles já me compram. Já é minha encomenda. (Entrevistada Y, 2019).

O projeto teve como culminância a publicação de um livro com poemas intitulado “Cantos e Contos do Florestan” e que significou, para muitos um momento de reconhecimento, de atenção de consideração com suas histórias, nas palavras de Elionay: “nós não era conhecido, e a partir desse livro, com esses projetos, nós tá sendo conhecido. E vamos ser ainda mais” o que demonstra como um simples olhar diferenciado de uma iniciativa educacional ou um projeto pode representar a alegria de serem ouvidos, de terem seus nomes em algo importante que eles produziram através de suas criatividade. Fomos recebidos, no dia da entrevista, por uma das pessoas

responsável pelo projeto, uma mulher e um grupo de jovens e algumas senhoras nos receberam para contar suas experiências no Assentamento e suas ressignificações acerca do lugar. Uma mulher, franzina e aparentemente delicada, ao falar demonstra todo amor e dedicação ao projeto, relatando que as pessoas do local desacreditavam de suas aptidões e encontravam-se desanimados antes da realização do projeto, pois não acreditavam que o que faziam tinham alguma importância.

Ao desenrolar da execução do projeto, com o envolvimento da comunidade e a participação dedicada dos moradores, estes foram descobrindo seus talentos e potencializando suas aptidões, através da realização de receitas culinárias, fabricação de artesanatos, elaboração de poesias, trilhas e entre outras atividades, os participantes foram se reinventando e se reconhecendo enquanto sujeitos ativos, a cada reunião que a organizadora do projeto, Eleonora Albuquerque, direcionava ficava nítido a admiração das pessoas para com ela. Ao ter contato com Eleonora, percebemos que a ideia de fragilidade que sua aparência transmite não condiz com a realidade, pois na prática ela se mostra uma mulher forte que tomou como iniciativa a tarefa de desenvolver as potencialidades dos moradores do Assentamento Florestan Fernandes, onde muitos se encontram em idade escolar atrasada e sem muitas perspectivas de concretização de seus sonhos e objetivos.

Nota-se que a descrição que os jovens faziam de si antes da participação do projeto é uma descrição cabisbaixa, sem autoestima e sem direcionamento. Podemos então afirmar que a iniciativa de Eleonora foi responsável por devolver sonhos e esperança aos jovens do Assentamento Florestan Fernandes, mostrando-os que é possível concretizar sonhos, que eles são importantes e que merecem ser valorizados. Desta forma, encontramos jovens uniformizados com a camisa do projeto, receptivos, comunicativos e orgulhosos em nos apresentar os produtos que tinham desenvolvido (livros, bolos, artesanato, sabonete, etc.), acreditando mais em si e mostrando como pequenas iniciativas educacionais podem representar transformações tão profundas na história de vida dessas pessoas.

Ao seguir com os questionamentos, buscamos entender quais são as percepções de Elionay sobre o Assentamento em que vive, ela chega a falar sobre a necessidade de existir mais união entre a comunidade para que haja mobilização dos moradores e conseguiram cobrar melhorias no poder público, relata também que a inexistência de internet não chega a ser um problema grave, pois eles tem outras preocupações e

necessidades como a falta de água, por exemplo, que é um dos principais problemas no Assentamento.

Na região existe o Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), um importante espaço que ajuda a contar a história sergipana, alagoana, nordestina, reunindo fósseis e até pinturas rupestres do período pré histórico. Além de todas as informações que o museu oferece e o contato visual com os artefatos de milhares de anos atrás, o que mais chama atenção é a mulher que fica responsável pelo espaço, Professora Railda Nascimento<sup>2</sup>, uma mulher forte que toma a frente do museu e faz dele e de seu discurso uma luta diária pela história, memória e pela preservação patrimonial. Formada em geografia pela Universidade Federal de Sergipe ela expõe como é a visão predominante sobre a mulher sertaneja que acaba ampliando as dificuldades já existentes: “o fato de ser mulher, de ser do interior, ser negra então eu comentei isso ontem com um grupo, que nós nascemos para ser aquelas que varrem às casas dos brancos, ainda acontece isso no Brasil.” (Railda, 2019). A fala da professora Railda que evidencia alguns dos discursos predominantes sobre a mulher sertaneja é complementada por Beijanizy quando a mesma destaca:

[...] a questão é que a vida de uma mulher na cidade, uma mulher assim que é independente tudo mais ela já é muito difícil, imagine no local e imagina no local pequeno em que as mulheres acabam casando cedo e fica, ela fica na situação de dependência total de responsabilidade dos filhos e eu fico lembrando da minha vida em si, eu fico lembrando da minha vida, das dificuldades que eu passei. (Beijanizy, 2019).

Beijanizy ainda aponta a necessidade de existir uma assistência por parte do poder público na região para que as pessoas, especialmente as mulheres, possam conquistar sua independência financeira, ter uma fonte de renda, para ela: “não adianta ensinar artesanato, temática arqueológica se a pessoa não tiver onde vender” (2019), ou seja, ao mesmo tempo em que é necessário a realização de projetos e iniciativas educacionais na região, faz-se necessário também que os órgãos públicos se mobilizem para encontrar soluções e oferecer oportunidades aos moradores do Assentamento, para que assim eles possam mudar de vida e construir sua autonomia.

---

<sup>2</sup> Mestre em geografia e licenciada pela Universidade Federal de Sergipe coordena as exposições do Museu de Arqueologia de Xingó, atuando como curadora das exposições permanentes do museu.

Ao buscar as narrativas de mulheres sertanejas e oportunizar ao ensino de história buscamos evidenciar como as mulheres sertanejas se caracterizam pela força e pela coragem ao enfrentamento de situações adversas, ao cruzar as entrevistas percebemos que apesar da existência de histórias distintas, os relatos de cruzam em vários pontos como quando falam das dificuldades cotidianas, do abandono do poder público com o local, quando expõe suas trajetórias educacionais carregadas de elementos difíceis para o êxito escolar e principalmente quando falam da vida da mulher sertaneja, dos preconceitos que rodeiam a opinião de pessoas que desconhecem suas realidades e dos estereótipos que são reproduzidos.

Através da utilização da história oral como método de pesquisa buscamos dar voz a essas mulheres para que se vejam como sujeitos históricos capazes de intervir em sua própria realidade. Além disso, com a realização deste trabalho contribuimos com a possibilidade de trabalhar com essas histórias em sala de aula nas aulas de história, desmistificando preconceitos e estimulando os professores de história a realizarem trabalhos de investigações com seus alunos que busquem valorizar a história do lugar e histórias de vida, demonstrando que essas metodologias podem ajudar na inserção desses sujeitos na historiografia e que os alunos possam se reconhecer nessa história estudada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho demonstra a importância em valorizar as histórias de vida como objeto de pesquisa, possibilitando que os sujeitos outrora ignorados pela historiografia e pela academia possam contar suas histórias através de suas próprias percepções e se fazerem visíveis na história. Com a utilização de um objeto simples como o gravador de um celular conseguimos captar histórias carregadas de dificuldades, superação, esperança. Além disso, pudemos evidenciar trabalhos que foram realizados na região e que tiveram grande relevância na vida dos moradores, estimulando outros projetos semelhantes e demonstrando que a educação é um instrumento fundamental para devolver perspectivas aos que já não a tinham mais.

Através da narrativa das mulheres entrevistadas foi possível observar uma multiplicidade de histórias que têm suas próprias singularidades, mas que se relacionam com pontos em comum que versam sobre as dificuldades para concluir os estudos, a

falta de água na comunidade e os preconceitos que a mulher sofre bem como as imposições de gênero presentes no cotidiano. Além disso, evidenciar essas histórias se torna importante para a desmistificação de preconceitos e estereótipos enraizados na sociedade que subjagam a mulher a uma condição inferiorizada.

Nesse sentido, foi possível produzir um trabalho que possa ser utilizado em sala de aula nas aulas de história, bem como em outras áreas do conhecimento, que retrará a realidade de sujeitos comuns e que contribui para que o aluno se reconheça enquanto ser histórico capaz de intervir, modificar e construir sua história, lhes devolvendo significados e preservando suas identidades e memórias.

## REFERÊNCIAS

1. BRASIL, Atlas do Desenvolvimento humano. Disponível em: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/caninde-de-sao-francisco\\_se](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/caninde-de-sao-francisco_se). Acesso em: 14 de janeiro de 2020.
2. CALADO, Andresa; et al. **Cantos e contos do Florestan**. Canindé de São Francisco: Aclas Editora, 2019, 30p. (Coleção Artes & Letras).
3. CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985
4. FONSECA, Selva Guimarães. **História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História**. *Revista História Oral*, v.9, n.1, p.125-141, jan-jun 2006
5. THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. São Paulo, Paz e Terra, 1992
6. SOUTO, Paulo Heimar. **“É como se tivesse a roça e faltasse a enxada”**: formação em serviço de professores de história em áreas interioranas. Macapá: Ed. UNIFAP, 2015.